



UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE O FAZER POÉTICO DE JULIA DE BURGOS

ANSCHAU, Lucilaine Tavares da Silva (UNIOESTE)¹

RESUMO: Este artigo discute sobre a escrita de autoria feminina da autora porto riquenha Julia Constanca Burgos Garcia. O objetivo é analisar a relação entre literatura e a presença da mulher, como também trazer uma reflexão acerca da obra poética da poetisa que, com sua profundidade e qualidade de sua poesia como também sua extraordinária habilidade para refletir os problemas da mulher de seu tempo, bem como as circunstâncias excepcionais em torno de sua vida e da morte, deixou marcas profundas na literatura. Suas contribuições poéticas na América Latina fizeram dela uma das figuras mais fascinantes não só de Porto Rico no início do século XX, mas de toda literatura americana contemporânea. Teve uma vida intensa e definitivamente breve, mas certamente deixou um legado importante para a literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia lírica. Luta social. Presença feminina. Julia Constanca Burgos Garcia.

ABSTRACT: This article discusses the female authors writing of Puerto Rico author Julia Constanca Burgos Garcia. The goal is to analyze the relationship between literature and the presence of women, but also bring a reflection on the poetry of the poet work which, with its depth and quality of his poetry as well as his extraordinary ability to reflect women's issues of his time, as well as the exceptional circumstances surrounding his life and death, left deep marks in the literature. His poetic contributions in Latin America have made her one of the most fascinating figures not only of Puerto Rico in the early twentieth century, but by every contemporary American literature. He had an intense and definitely short life, but it certainly left an important legacy for literature.

KEYWORDS: Lyric Poetry. Social struggle. Female presence. Julia Constanca Burgos Garcia.

ESBOÇO BIOGRÁFICO

Julia de Burgos nasceu em Porto Rico, berço de férteis poesias e vivências. Apurando o olhar para as causas sociais, Julia Constanca Burgos Garcia confrontou-

se com vários momentos difíceis em prol dos oprimidos, tomando para si uma incrível noção de liberdade literária, embora tenha sentido na pele a discriminação por se ativista e lutar pelas causas sociais, principalmente por defender o direito das mulheres.

Em 1933, com 19 anos de idade graduou-se na Universidade de Porto Rico tornando-se professora e passou a trabalhar na escola Feijo Elementary School. Teve uma carreira curta no magistério por conta de seu casamento com Ruben Rodrigues Beauchamp. Trabalhou também como escritora para um programa infantil na rádio pública, mas teria sido demitida devido às suas crenças políticas.

No ano de 1936, tornou-se membro do Partido Nacionalista de Porto Rico e eleita secretária geral das Filhas da Liberdade, o ramo das mulheres do Partido Nacionalista. Enfrentou o divórcio em 1937 e a partir disso viveu mais dois envoltimentos conturbados, sendo o segundo com um médico chamado Juan Isidro Jimenes Grullón onde, segundo ele a maioria de seus poemas durante o tempo em que estiveram juntos foram inspirados pelo amor que ela dizia sentir por ele. Foram morar em Cuba, mas o romance não vingou novamente e a decadência tomou conta da vida de Julia, esta que após várias tentativas para salvar o relacionamento volta para Nova Iorque onde tomou serviços braçais para se sustentar. Em 1943, a carência e a necessidade levam-a a casar-se com o músico Armando Marín, o casamento também terminou em divórcio e a partir de então entra em depressão e se joga no alcoolismo.

Julia viveu em constante conflito político, lutando pela causa independentista de seu país e sofreu todo tipo de preconceito racial por ser mulata e, por fim, morreu extremamente pobre e abandonada. Seu poema de negritude intitulado "Ay ay ay de la grifa negra", faz um elogio aos seus próprios cabelos de negra como podemos observar num fragmento do poema: *Ay ay ay, que soy grifa y pura negra; grifería en mi pelo, cafrería en mis labios; y mi chata nariz mozambiquea.*

Em fevereiro de 1953, ela escreveu um de seus últimos poemas intitulado "Farewell na ilha do bem estar" durante sua internação onde, em suas sábias palavras prenuncia a sua morte e revela um conceito cada vez mais escuro da vida.

FAREWELL NA ILHA DO BEM ESTAR

Tem que ser a partir daqui,
direito neste caso,
meu grito ao mundo.

Meu grito que não é mais meu
mas a dela e a sua para sempre,
os companheiros do meu silêncio,
os fantasmas da minha sepultura
(BURGOS (1953) *apud* RODRÍGUEZ PAGÁN, 1987, p. 19-20).

A sua trágica história não para por aí. Em 28 de junho de 1953 deixou a casa de um parente onde estava residindo e simplesmente desapareceu sem deixar sequer uma pista. Foi descoberto mais tarde que em 06 de julho caiu em uma calçada no Spanish Harlem em Manhattan, e mais tarde morreu de pneumonia em um hospital aos 39 anos de idade e, uma vez que ninguém reivindicou o corpo dela e ela não tinha identificação com ela, a cidade deu-lhe o enterro de indigente.

Todas essas informações puramente biográficas nos levam a perceber a vida conturbada e difícil de Julia de Burgos que, sonhou e desejou por uma nação mais justa, porém sua vida num todo transformou-se em ruínas.

A LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NA AMÉRICA LATINA

Para tratar do tema proposto adota-se o percurso histórico da mulher latina, já que nosso interesse neste trabalho é demarcar o espaço da literatura de autoria feminina através da literatura da América Latina em geral.

Na literatura de autoria feminina, como na literatura de autoria negra ou africana, percebe-se a existência de um discurso político, na medida em que seus representantes se declaram como negros, mulatos, ou seja, como parte de uma etnia não privilegiada ou como mulheres simplesmente.

A literatura de autoria feminina se constitui naquelas obras em que a literatura exerce como tomada de consciência de seu papel social. Ao contrário, há uma postura de não identificação, não feminista ou não racial com as outras vozes, ou seja, de apagamento das diferenças, e não como uma voz alternativa ou a expressão de uma minoria.

O reconhecimento da literatura de autoria feminina, a partir da consciência feminista, que revolucionou a cultura através da história, ainda não terminou, e a literatura hoje, não só atinge o novo público produtor e leitor feminino, como também incorpora outras visões de alteridade.

A luta pelos direitos das mulheres de forma mais eficaz e contundente tem início somente no século XIX. É com a revolução Industrial e pela consolidação do

capitalismo que as mulheres passaram a se organizar em fábricas e sindicatos, em luta por melhores salários e condições de trabalho, culminando na greve operária de uma indústria têxtil em Nova Iorque, no ano de 1857, em que morreram queimadas centenas de trabalhadoras. A partir disso, a luta feminina continuou pleiteando direitos políticos e participação nas instâncias públicas.

A partir da década de 60, os modelos sociais e culturais do comunismo soviético e do *american way of life* começaram a ser questionados, culminando na fundação do feminismo na década de 70, cuja principal influência teórica foi a obra *O segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949, em que a autora afirmava:

As mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade; começam a afirmar concretamente sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano. Educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino, seu destino normal é o casamento que ainda as subordina praticamente ao homem; o prestígio viril está longe de se ter apagado: assenta ainda em sólidas bases econômicas e sociais. É pois necessário estudar com cuidado o destino tradicional da mulher. Como a mulher faz o aprendizado de sua condição, como a sente, em que universo se acha encerrada, que evasões lhe são permitidas, eis o que procurarei descrever. Só então poderemos compreender que problemas se apresentam às mulheres que, herdeiras de um pesado passado, se esforçam por forjar um futuro novo. Quando emprego as palavras "mulher" ou "feminino" não me refiro evidentemente a nenhum arquétipo, a nenhuma essência imutável; após a maior parte de minhas afirmações cabe subentender: "no estado atual da educação e dos costumes". Não se trata aqui de enunciar verdades eternas, mas de descrever o fundo comum sobre o qual se desenvolve toda a existência feminina singular (BEAUVOIR, 1980, p. 9).

Mulheres que protagonizaram causas femininas e que compareceram na cena pública para reivindicar sobre questões que lhes diziam respeito, como é o caso de Julia de Burgos pagaram um preço muito caro por lutar pela libertação das amarras de um senso moral construído pela cultura machista. Assim, seus escritos foram inspirados pelos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, a fim de edificar a construção de uma sociedade livre de relações preconceituosas e discriminações. Escrever uma história sobre mulheres é algo relativamente revelador e de uma profunda transformação, pois quando refere-se à Julia de Burgos, trata-se de uma luta pela liberdade e ânsia por justiça social.

Ainda quando nos referimos à autora citada consideramos a poesia lírica

que se mostra como um conhecimento poético da realidade, onde a poesia basta a si mesma. No entanto, podemos avaliar muitas de suas obras líricas como ponto de partida uma insurreição feminina, onde Julia procurava a essência de sua existência no amor incondicional onde seus poemas não só mostraram a profundidade do amor e da vida, mas manifestaram-se contra a discriminação das mulheres.

Na maioria de seus poemas Julia cantou o amor e o mundo interior usando termos da natureza da sua ilha tropical. E em um número significativo expressou o pensamento anticonvencionalista, refletindo as circunstâncias sócio políticas de seu tempo e da realidade histórico cultural do povo porto riquenho.

Julia escreveu “Rio Grande de Loíza”, sua primeira produção poética feita aos 19 anos de idade. É um poema lírico extremamente popular conhecido em toda Porto Rico e que expressa o seu amor pela ilha como também a sua tristeza para o status político ali inserido na época.

Sua poética está coberta de um amor milagroso que ao mesmo tempo cura e revive. Julia dedicou ao Rio Grande de Loíza uma grande parte de sua lírica e sua imagem ainda segue viva entre o povo que tanto amou. Seus poemas e sua vida tem servido de inspiração para a criação de filmes e documentários.

Julia foi uma mulher adiantada em seu tempo e suas múltiplas ações contribuíram para esta imagem: foi artista social, defensora dos direitos das mulheres, dos trabalhadores, dos oprimidos e das crianças.

O poema “Julia toda em mí” – representa a vida literária e pensamento humanista de Julia de Burgos, a quem o Nobel de Literatura, Pablo Neruda, afirmara como “uma de las grandes poetisas de América”.

Seu momento histórico, suas paixões amorosas, encontros e desencontros com o seu ser, se refletem nesta mulher cuja visão vanguardista transcende os tempos. Personalidades de Porto Rico e exterior fazem leitura de seus poemas e rendem com sua arte uma grandiosa homenagem à poeta.

Há também várias produções poéticas da autora mencionada onde a rebelião da voz feminina da América Latina tem destaque. Por exemplo, o poema “A Julia de Burgos” e “Eu mesmo era o meu percurso” ganharam ampla disseminação como obras que lidam com o sofrimento de mulheres e, sua obra magistral responde às grandes interrogações que transcendem os nossos dias.

A JULIA DE BURGOS

Muita gente murmura que sou tua inimiga,
porque dizem que em verso dou ao mundo quem és.

Mentem, Julia de Burgos. Mente, Julia de Burgos.
A que se ergue em meus versos não é a tua voz, é a minha,
porque és o vestuário, a essência sou eu;
e o mais profundo abismo se estende entre nós duas.

Tu és fria boneca de mentira social,
E eu, viril fulgor da honestidade humana.

Tu, mel de hipocrisia cortês, eu não;
que em todos os meus poemas desnudo o coração.

Tu és como o teu mundo, egoísta, eu não;
que inteira me atiro para ser o que sou.
Tu és somente a grave senhora senhorona;
eu não, eu sou a vida, a força da mulher.

Tu és de teu marido, teu amo; eu não;
eu de ninguém, de todos, porque a todos, a todos,
em meu limpo sentir e em meu pensar me dou.

Tu frizas teu cabelo e te pintas; eu não;
a mim me friza o vento, a mim me pinta o sol.

Tu és a dama caseira, resignada, submissa.
Atada aos preconceitos dos homens; eu não;
o Rocinante eu sou correndo desbocado
farejando horizontes de justiça de Deus.

Tu em ti mesma não manda; a ti todos te mandam;
em ti mandam teu esposo, teus pais, teus parentes,
o padre, a modista, o teatro e o cassino,
o carro, os anéis, o banquete e o champanha,
o céu e o inferno, e o que de ti dirão.

Em mim, não, que em mim manda o meu coração,
só o meu pensamento, quem manda em mim sou eu.

Tu, flor aristocrática, eu sou a flor do povo,
tu em ti tens de tudo e a todos tudo deves,
enquanto o meu nada a ninguém devo, nada.

Tu, cravada no estático dividendo ancestral,
eu sou uma só na cifra do divisor social,
somos o duelo a morte que vem vindo fatal.
Quando as multidões corram alvoroçadas,
deixando atrás cinzas de injustiças queimadas,
e quando com a tocha das sete virtudes,
atrás dos sete pecados, corram as multidões,
contra ti todo o injusto e o desumano,
no meio delas vou com a tocha na mão
(BURGOS (1939) *apud* ALARCÓN, 2011, p. 10).

Os versos do poema são frutos de uma resignação para atingir o status de lição de vida e de velada crítica social. A autora empresta parte de sua biografia a um eu lírico que aproveita uma passagem de sua vida não apenas como forma de rememoração, mas também de tecer críticas a algumas situações que são aparentemente banais, mas que podem despertar reflexões.

A literatura de autoria feminina precisa criar, politicamente, um espaço próprio dentro do universo da literatura mundial mais ampla, em que a mulher expresse a sua sensibilidade a partir de sua obra. Julia de Burgos foi uma mulher com propósito histórico e sua obra pode ser caracterizada por uma capacidade enorme de projetar a feminidade de seu tempo.

Se não escapa da perseguição de um tempo, Julia também não escapa da obrigação a que suas palavras a submetem: a de dizer e denunciar. É por meio da linguagem dotada de uma construção poética que o eu lírico faz profundas reflexões e demonstra a sua indignação acerca da discriminação e preconceito aflorado na sociedade até os nossos dias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência feminina sempre foi vista como menos importante no espaço da cultura e da literatura, na impossibilidade de reconhecer-se numa tradição literária.

Como ocorre com as minorias, a voz da mulher sempre foi silenciada, o

que a impediu de levar adiante sonhos e conquistas. Desse modo, para poder expressar-se, no caso de Julia foi através da lírica que denunciou o preconceito, retratou valores da sociedade patriarcal como também a desconfiança em relação ao amor.

A escrita de autoria feminina é um trabalho simbólico e constitui o olhar diferenciado, o olhar das minorias. Assim, ao se pensar na escrita das mulheres, pretendeu-se falar da luta da mulher por espaço, reconhecimento, igualdade, mas, sobretudo, da reformulação da identidade feminina na sociedade.

A literatura produzida pelas mulheres é aquela que envolve o gênero humano, aborda temas universais e que se diferencia por meio do ponto de vista, de temas abordados, de universos criados e, principalmente, do meio social da qual se origina e das condições culturais. A temática da escritura feminina é resultante do "estar" no mundo, abordando o retrato de suas vivências no seu dia a dia.

Julia Constância Burgos Garcia, a partir de suas experiências pessoais, expressa através da literatura, os dilemas enfrentados nas ditaduras da América Latina, evidenciando o amor pelo seu país de origem, Porto Rico, retratando seu estado de angústias e dores que destruíram sua vida prematuramente.

Michelle Perrot é outra autora que se dedica a analisar a situação da mulher, no seu caso na Europa, em especial na França. Rastreia os vários recursos de silenciamento impostos à voz feminina na história do ocidente e da América. A autora destaca que:

[...] da História, muitas vezes a mulher é excluída [...], o 'ofício do historiador é um ofício de homens que escrevem a história do masculino, os campos que abordam são os da ação e do poder masculino, mesmo quando anexam novos territórios. [...] o silêncio sobre a história das mulheres também advém do seu efetivo mutismo nas esferas políticas, por muito tempo privilegiadas como os locais exclusivos do poder (PERROT, 1998, p. 185).

As mulheres nunca estiveram ausentes na história, apesar de serem esquecidas. Ainda segundo Perrot, as mulheres sempre foram concebidas, representadas, como parte do todo, como particulares e negadas na maior parte do tempo. Por outro lado, elas tem assegurado seu lugar na vida, no mundo e na história de si mesma.

Na contemporaneidade, as conquistas femininas de acesso a direitos civis, sociais e políticos, que durante muito tempo lhes foram negados, configuram-se como consequência de movimentos sociais que causaram grande impacto na sociedade. Lembrando que quebrar a invisibilidade histórica das mulheres ainda é uma inspiração para uma luta atual.

A figura importante da autora latina Julia de Burgos, que se empenhou em militar a favor do sexo feminino, através de seus escritos e dedicada a refletir sobre a mulher e a literatura, deixou em evidência, entre outras opiniões, a prática historiográfica em relação às mulheres.

NOTAS

¹ Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: lucilainilton@hotmail.com

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. 2 ed. Lisboa: Fim de século, 2000.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BORDIEU, P. A. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRITO, M. Gênero e cidadania: referenciais analíticos. *Estudos feministas*, ano 9, n. 1, 2001.
- BURGOS, Julia de. A Julia de Burgos. (1939). In: ALARCÓN, Justo. *Poemas de Julia de Burgos*. 2011. Disponível em: <[http://www.los-poetas.com/k/julia1.htm#A Julia de Burgos](http://www.los-poetas.com/k/julia1.htm#A%20Julia%20de%20Burgos)>. Acesso em: 22 Jan. 2016.
- BURGOS, Julia de. Farewell na Ilha do Bem Estar. In: RODRÍGUEZ PAGÁN, Juan A. *Julia de Burgos: tres rostros de Nueva York y un largo silencio de Piedra*. Humacao, Puerto Rico: Editorial Oriente, 1987. Disponível em: <<http://www.literatura.us/julia/crono.html>>. Acesso em: 22 Jan. 2016.
- HAHNER, J. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940*. Florianópolis: Mulheres: Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- _____. *Minha história de mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- _____. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. Viviane Ribeiro. São Paulo: Edusc, 2005.
- WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.